



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

**Casas para o Brasil industrial:
um modo de organizar, produzir e distribuir**
*Houses for industrial development:
a way to organize, produce and distribute Brazilian architecture*

KOURY, Ana Paula;

Professora Doutora, USJT – PPGAUR. Brasil, apkoury@gmail.com



Casas para o Brasil industrial: um modo de organizar, produzir e distribuir

*Houses for industrial development:
a way to organize, produce and distribute Brazilian architecture*

RESUMO

Este artigo discute o contexto social, cultural e político que inspirou a produção de um conjunto experimental de residências para o Brasil urbano e industrial. No conjunto destaca-se a produção do Grupo Arquitetura Nova que através de um conjunto de casas realizadas para amigos intelectuais e parentes ensaiaram uma solução construtiva e espacial definindo uma forma de morar. A arquitetura produzida pelo grupo, no contexto do debate cultura e político dos anos sessenta, representa um ponto de vista no debate sobre arquitetura e desenvolvimento nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Contemporânea Brasileira, Sistemas Construtivos, Arquitetura e Desenvolvimento Nacional

ABSTRACT

This article discusses the social, cultural and political context which inspired houses experiments for urban and industrial development in Brazil. In the set of experiments there is the houses made by the New Architecture Group. Those houses were made for his intellectual friends and relatives and rehearsed a constructive and spatial solution defining also a way of living. The architecture produced by them in the frame of the debate on political and culture issues in the sixties, represent a point of view in the debate on architecture and national development

KEY-WORDS: Brazilian Contemporary Architecture, Building Systems, Architecture and National Development

RESUMEN:

Este artículo aborda el contexto social, cultural y político que inspiró casas de experimentos para el desarrollo urbano e industrial en Brasil. En la serie de experimentos no son las casas hechas por el Grupo de Arquitectura de Nueva. Esas casas fueron hechas por sus amigos intelectuales y familiares y ensayaron una definición solución constructiva y espacial también es una manera de vivir. La arquitectura producida por ellas en el marco del debate sobre las cuestiones políticas y de la cultura en los años sesenta, representa un punto de vista en el debate sobre la arquitectura y el desarrollo nacional.

PALABRAS-CLAVE Arquitectura Contemporánea de Brasil, Sistemas de Construcción, Arquitectura y Desarrollo Nacional



1 INTRODUÇÃO

É possível imaginar que todos os arquitetos, ou ainda estudantes de arquitetura, que tenham acompanhado o espetáculo de quatro anos que durou a construção da nova capital do país, Brasília, vendo nascer no vazio do cerrado seus monumentos brancos e luminosos, tenham de algum modo sido tocados pela missão da arquitetura brasileira engajada no projeto de desenvolvimento nacional. Antes do grande espetáculo que fora a construção de Brasília, o país enfrentou a gigantesca tarefa de modernização urbana e passagem para uma sociedade industrial. Desde os anos trinta, a empresa modernizadora empreendida pelo Estado burocrático, montado por Getúlio Vargas, ampliou a participação dos arquitetos e engenheiros incumbidos de planejar o desenvolvimento das cidades e de prover moradia urbana para a os trabalhadores. A gigantesca tarefa de urbanizar o país entre os anos 1940 e 1960 aprofundou o vínculo entre engenheiros, arquitetos e o Estado engajados na missão do desenvolvimento nacional.

Na década de sessenta, a luta por um modelo de desenvolvimento menos desigual transformou cada uma das experiências de arquitetura, desde os pequenos projetos aos grandes programas, na afirmação de uma posição política dentro deste debate. Qual seria a direção a ser tomada? Como solucionar a falta de moradia urbana? Qual a melhor forma de produzir a casa e a cidade no Brasil industrial?

Muitas experimentações foram feitas, promovidas pelas instituições do Estado, por empresas privadas e também, muitas vezes, foram as casas unifamiliares encomendadas por amigos e parentes, o laboratório onde se testou novas formas de produção. Estas experiências chegaram ainda mais perto de tornarem-se soluções efetivas para o problema habitacional brasileiro quando foram disponibilizados amplos financiamentos para a aquisição da casa própria através do Banco Nacional de Habitação criado em agosto de 1964.

Este artigo discute a produção do Grupo Arquitetura Nova através da análise de um conjunto de casas produzidas para amigos intelectuais e parentes. Mais do que apenas casas, a solução construtiva e a forma de morar proposta pelos arquitetos são um ponto de vista no debate sobre arquitetura, cultura, política e desenvolvimento nacional. Portanto a compreensão do significado desta arquitetura requer a sua inclusão na cena de seu tempo histórico: o nascimento da cultura urbana brasileira.

2. A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA ENTRE 1940 E 1960

A urbanização brasileira entre os anos de 1940 e 1960 ocorreu em grande velocidade. Grande parte da população do campo e das regiões mais pobres do país deslocou-se para as grandes cidades em busca de emprego e de melhores condições de vida. Em 1940 a população urbana no Brasil era de 31% do total de habitantes do país (cerca de 13 milhões de habitantes). Este volume alcançou 36% em 1950 (cerca de 19 milhões de habitantes). Portanto entre 1940 e 1950 volume da população urbanizada no Brasil alcançou 6 milhões de habitantes.¹

Será na década de sessenta que o país transforma-se definitivamente para uma sociedade majoritariamente urbana, atingindo o equinócio em 1966, com grandes taxas de concentração populacional nas maiores cidades brasileiras, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. O processo de

¹ Os dados foram retirados do site do IBGE Séries Históricas.



urbanização intensificou-se consideravelmente nas duas décadas seguintes, causando um déficit habitacional também concentrado nos grandes centros urbanos que atingiu 3 milhões de unidades em 1962². Considerando o déficit habitacional, cerca de 15 milhões de pessoas morando nas periferia das grandes aglomerações urbanas sem infra estrutura de saneamento básico, energia, transporte, abastecimento, serviços ou assistência.

Portanto a geração que acompanhou o espetáculo de Brasília, também acompanhou com indignação a proliferação dos alojamentos precários nas periferias urbanas e a miséria da população que os habitava. A promessa de superar o atraso que caracterizava o passado colonial através da passagem de uma sociedade rural, agroexportadora para outra urbana industrial voltada para o mercado interno transformou-se em uma realidade incômoda trinta anos depois da revolução de 1930. O otimismo relativo à modernização do país que caracterizou as duas primeiras décadas do período democrático lugar à sua crítica.

A população rural não havia apenas migrado para as grandes cidades, mas junto com ela trazia a cultura brasileira fundada pela tradição colonial, e também a pobreza e o atraso do campo para a cidade. Este quadro da condição urbana na década de 1960 iria mobilizar os esforços de uma geração para enfrentar o déficit habitacional, para explicar o fenômeno da modernização desigual, para expandir a participação política e os direitos sociais à população pobre agora concentrada nas cidades.

3 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E EXPERIMENTAÇÃO ESTÉTICA NA CRISE (1961-1962)

O debate político nos anos sessenta concentrava-se na igualdade formal dos direitos. Os movimentos sociais organizados, como os estudantes, os trabalhadores, os artistas e intelectuais questionavam as restrições da legislação social aos trabalhadores urbanos com carteira de trabalho assinada, excluindo os trabalhadores rurais e a população sem acesso à postos de trabalho. Criticavam a remessa de lucro das empresas multinacionais para o exterior. Reivindicavam a nacionalização das refinarias de petróleo e o voto do analfabeto.

A renúncia de Jânio Quadros apenas sete meses depois de eleito causou grande instabilidade política no país. João Goulart vice-presidente em exercício era visto com desconfiança pelos setores mais conservadores por causa de sua passagem como Ministro do Trabalho durante o segundo governo de Vargas, quando negociando diretamente com o movimento sindical propôs 100% de aumento ao salário mínimo.

João Goulart assumiu o cargo de presidente em setembro de 1961 em um quadro de crise econômica. A saída encontrada para que Goulart assumisse o cargo como previsto pela constituição, driblando a resistência de alguns setores, foi a instituição de um regime parlamentar que seria submetido a consulta popular no ano seguinte.

Com o objetivo de retomar o desenvolvimento social e conter o processo inflacionário em dezembro de 1962 o recém-criado Ministério do Planejamento anunciou o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e social. Ao contrário do esperado, o Plano não foi eficiente em seus objetivos de conter a inflação e de recolocar o país na rota do desenvolvimento econômico do período anterior.

² A estimativa do déficit habitacional no período varia muito nas diferentes fontes de pesquisa. Adotou-se o número apresentado pelo Presidente João Goulart na Mensagem Presidencial ao Congresso Nacional março 1962, p. 17 e 18.



Desde 1961, a União Nacional dos Estudantes atuou no sentido de mobilizar os setores populares construindo um canal direto de comunicação que unia a conscientização política e a valorização da cultura popular. O objetivo era criar uma base de apoio político entre as camadas populares para as medidas progressistas que faziam parte da agenda de João Goulart, entre elas as medidas anti-imperialistas e a universalização do atendimento social.

Os Centros Populares de Cultura foram criados com este objetivo. A iniciativa originou-se de uma colaboração entre o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), vinculado ao Ministério da Educação, e o Grupo de Teatro Arena. Em 1960 o Grupo convidou o sociólogo do ISEB Carlos Estevam Martins para ajudá-los na montagem da peça “A mais valia vai acabar Seu Edgar” escrita por Oduvaldo Vianna Filho e Chico de Assis. O objetivo era dar uma explicação didática ao conceito marxista de Mais Valia. O episódio explica os objetivos das atividades dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes. Carlos Estevam Martins seria seu primeiro diretor seguido por Carlos Diegues e Ferreira Gullar.

O grupo que deu origem ao CPC foi formado por integrantes que pertenciam ao movimento do Cinema Novo como Leon Hirszman e Carlos Diegues e ao Movimento Neoconcreto como Ferreira Gullar, além dos já citados ISEB e Grupo de Teatro Arena. O teatro e o cinema brasileiro foram grandes produtores de uma vertente crítica e experimental que assinalou caminhos alternativos aos modelos importados das matrizes desenvolvidas. O Filme Rio 40 graus de Nelson Pereira dos Santos de 1955 retratou, em tom de documentário o cotidiano de cinco garotos pobres da favela de Jacarezinho no Rio de Janeiro. Morte e Vida Severina montada no início dos anos sessenta a partir da obra de João Cabral de Mello Neto escrito em 1955. Materiais baratos usados com grande criatividade expressavam no método e na forma o conteúdo da pobreza³. A estética da fome lançada como texto-manifesto do Cinema Novo em 1965 por Glauber Rocha.

Não tratava-se apenas de constituir um canal de comunicação direto com o povo brasileiro mas também de incluir este grande contingente de população no processo político. A alfabetização em massa associada à conscientização política alcançaria sua versão mais acabada através do método Paulo Freire. O método foi apresentado como tese de cátedra para a disciplina de História e Filosofia da Educação na Universidade de Recife. Em 1961 Freire foi convidado por Goulart para elaborar o Plano Nacional de Alfabetização e em 1963, o método foi aplicado em um grupo de 300 cortadores de cana no interior do Rio Grande do Norte. Usando como tema as ferramentas de trabalho utilizadas pelo grupo e tendo como motivação fundamental a expressão política, Paulo Freire foi capaz de alfabetizar o grupo em apenas 45 dias. A iniciativa foi tão promissora que João Goulart pretendia implantar 20 mil centros de alfabetização de adultos pelo país.

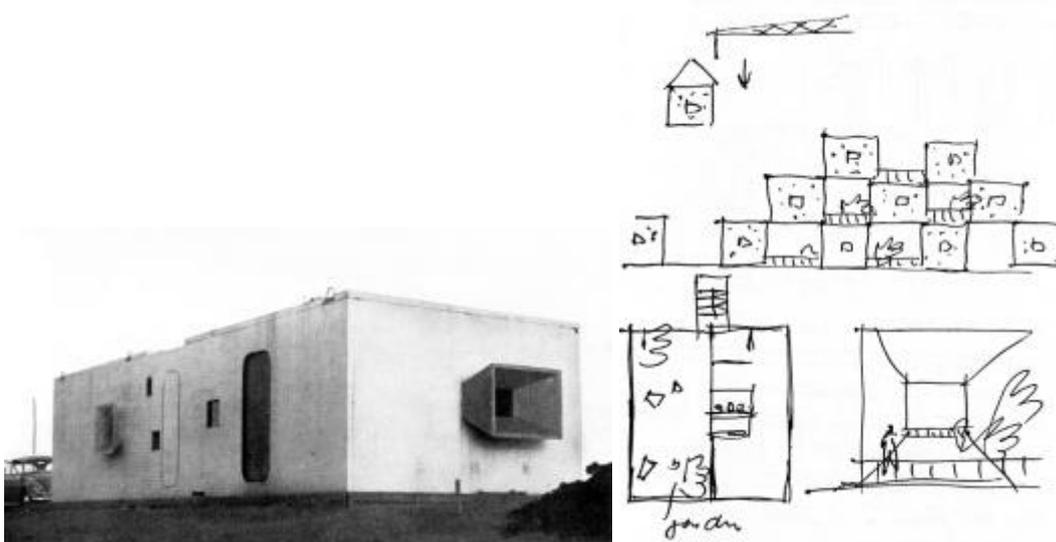
Na década de sessenta todos estes movimentos produziram os elementos para uma nova cultura urbana, brasileira, democrática e participativa pobre é certo, mas autônoma e ocupada com a sua própria condição, a evocada realidade histórica brasileira. O experimentalismo tecnológico no início dos anos sessenta inclui-se neste movimento geral da cultura brasileira orientado para ampliar a base política e sustentar a transformação social do país que naquele momento estava sendo proposta pelo Estado.

³ Os cenários e figurinos da peça foram criados por Flávio Império e muitas vezes citado por Sérgio Ferro para definir a orientação tomada pelo Grupo para a produção das coberturas em abóbadas.

4 CASAS EXPERIMENTAIS PARA O BRASIL URBANO

O crescente déficit habitacional causado pela concentração urbana estimulava a criatividade dos arquitetos, mas a variedade de soluções encontradas para produzir unidades em larga escala não pode ser explicada só por isso. As diferentes posições dos arquitetos dirigiu a escolha dos sistemas construtivos experimentados. O uso de sistemas pré-fabricados à ciclo fechado leves ou pesados originaram-se dos arquitetos engajados no aparato administrativo do Estado e que apostavam no desenvolvimento capitaneado por um governo centralizado indutor da modernização, da industrialização e do progresso social. Este foi o caso das obras realizadas na Universidade de Brasília em 1961/1962. O uso do sistema de pré fabricados para a construção dos Galpões de Serviço Geral, para a sede do Ceplan e depois para o Instituto Central de Ciências também seria aplicado nos alojamentos para estudantes e professores. O espírito experimental que conduziu as obras da UnB atingiria seu limite com o protótipo projetado por Niemeyer. (Figura 1)

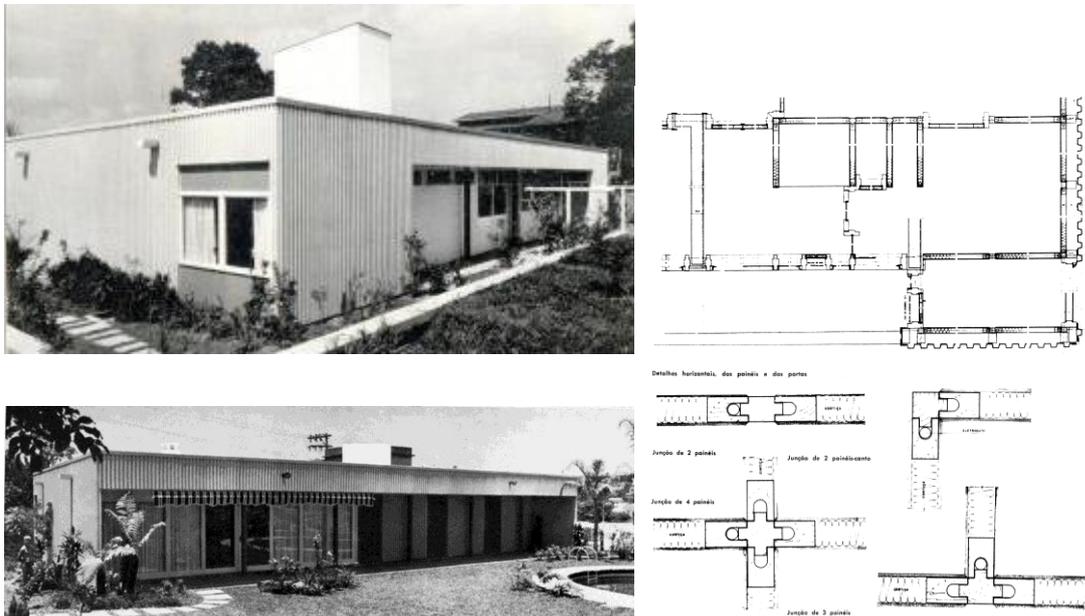
Figura 1: Alojamento estudantil a ser construído na UnB (Universidade de Brasília) projetado por Oscar Niemeyer em 1961.



Fonte: Acrópole, 369/370. São Paulo: Jan-fev. 1970 p.29.

Uma outra resposta veio do setor privado, especificamente da indústria de componentes como foi o caso da Casa Eternit projetada por Carlos Millan em 1960. A casa foi um protótipo de habitação unifamiliar que combinaria a construção tradicional para as áreas molhadas com os elementos de cobertura e vedação produzidos pela empresa Eternit. Para fixar os painéis de vedação Millan desenvolveu uma estrutura em madeira composta por quatro tipos de encaixes que possibilitavam a fixação da vedação em todas as direções. Os painéis duplos tipo sanduíche que foram testados neste protótipo, entrariam, posteriormente, no catálogo da empresa. (Figura 2)

Figura 2: Protótipo para unidade habitacional produzido pelo arquiteto Carlos Millan para a empresa Eternit em 1960.



Fonte: Acrópole n. 332 , set. 1966, p:22, 23.

Uma terceira vertente da arquitetura brasileira orientou-se criticamente à modernização desenvolvimentista que conduziu as experiências do setor público e privado. Adotando sistemas construtivos baseados na provisão local de materiais e técnicas, buscavam desenvolver formas de produção da unidade que pudessem ser apropriadas e difundidas pela população em iniciativas autogeridas. O espaço moderno e contínuo, a planta livre associavam-se a ideia de difusão de tecnologias trabalho intensiva que pareciam ser mais adequadas à condição do subdesenvolvimento do que os grandes projetos intensivos em capital e equipamentos.

Todos estes experimentos marcam a ruptura com uma ideia de Brasilidade fundada na cultura híbrida e na herança ibérica. Tratava-se, neste momento de dar uma resposta para a crise urbana originada de uma cultura urbana em formação e condenada à pobreza pelo subdesenvolvimento econômico endêmico à industrialização e modernização baseada na importação de modelos.

5 A PRODUÇÃO DA CASA E O TRABALHO NO CANTEIRO (1961-1964)

A casa Simon Fausto em Ubatuba projetada por Flávio Império foi a primeira experiência de coberturas em abóbada feita pelo grupo. O Corpo da casa semienterrado permitiu transformar a cobertura em um terraço para a praia e não obstruir a paisagem natural da Praia Grande em Ubatuba aonde se encaixa o volume da casa. As cúpulas da cobertura suportam o terraço jardim e são feitas com os tijolos produzidos pelas olarias locais. A produção consistia no assentamento dos tijolos em suportes de madeira do mesmo modo que se constroem paredes comuns de alvenaria, nenhuma técnica mais sofisticada foi empregada além da habilidade oferecida pela mão de obra local. (Figura 3)

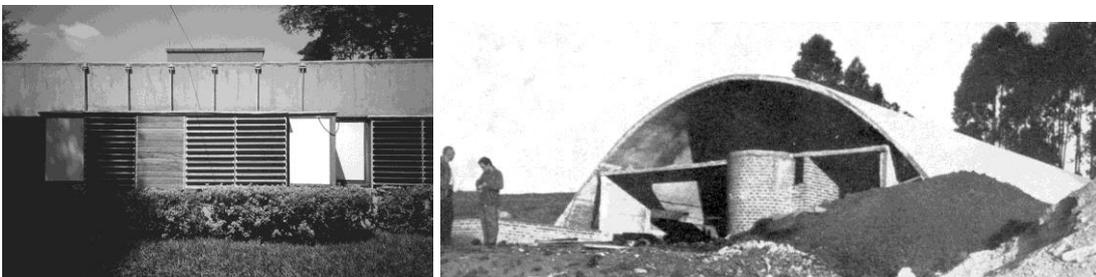
Figura 3: Casa Simon Fausto em Ubatuba – SP de autoria de Flávio Império projetada em 1961



Fonte: Koury, 2003. (Foto: entrada da casa de Renato Anelli, 1998. Foto: teto jardim de Rodrigo Lefèvre, sem data. Corte: redesenho da autora a partir dos originais publicados na revista Acrópole em 1965)

Outras duas casas projetadas no mesmo ano por Sérgio Ferro para os clientes Boris Fausto e Bernardo Issler ensaiaram, respectivamente, soluções incorporando componentes industrializados- aplicando o conceito de manufatura serial - e soluções produzidas majoritariamente no canteiro de obras- aplicando o conceito de manufatura heterogênea. Os conceitos retirados de Marx serviram como método para testar e comparar a produção da casa à partir dos diferentes sistemas construtivos. (Figura 4)

Figura 3: Casas Boris Fausto no Butantan e Casa Bernardo Issler em Cotia. Ambas as casa foram projetadas por Sérgio Ferro em 1961 e testam a manufatura serial e heterogênea.



Fonte: Casa Boris Fausto: Koury, 2003 (Foto: Renato Anelli, 1998). Fonte Casa Bernardo Issler: Acropole, 1965

A dificuldade encontrada no canteiro para a manufatura a partir dos componentes industrializados atestou para Ferro a inadequação do projeto vigente de modernização do país, apoiado por Artigas, Niemeyer e pelo PCB. Este projeto pressupunha o desenvolvimento

econômico social baseado na evolução das forças produtivas e para isso seria estratégico apoiar a burguesia nacional e a industrialização do país. Para Ferro seus experimentos no canteiro de obras apontavam em outra direção, isto é, um desenvolvimento econômico social autônomo só poderia ser alcançado através de uma tecnologia adequada ao país.

As experiências com a racionalização do trabalho no canteiro de obras através da adoção dos princípios de coordenação modular seriam adotadas nas casas seguintes, Marietta Vampré (1962) e Albertina Pederneiras (1964) de autoria de Lefèvre e Ferro, expressam o alinhamento com a racionalização dos métodos construtivos tradicionais, mas avançam lançando mão de uma organização também do trabalho no canteiro de obras. Separando cada uma das etapas da execução da obra ainda na fase de projeto os arquitetos reduziam os conflitos entre os serviços complementares evitando o “retrabalho” comum nesta fase de execução da obra.

As casas experimentais deste período até 1964 testam formas diferentes de organização da produção no canteiro de obras e de sua interface com a indústria de materiais e com os serviços complementares envolvidos no processo de execução. Esta ampla variedade de experimentos não teria sido possível sem dois fatores fundamentais. O primeiro deles foi a adesão e cumplicidade dos clientes com a causa urbana brasileira de seus arquitetos. Dispuseram-se a financiar os experimentos e a arcar com os riscos da inovação. O segundo foi o grande domínio do processo construtivo que caracteriza a arquitetura paulista deste período do qual este grupo foi herdeiro. Um conhecimento principalmente difundido pelos grandes escritórios como o de Rino Levi e o de Oswaldo Bratke, do qual Carlos Millan e Joaquim Guedes.

Embora publicadas em 1965, estas casas foram realizadas antes do golpe militar de 1964, o que transforma radicalmente as perspectivas de atuação da esquerda brasileira, configurando de modo mais explícito as impossibilidades da política de alianças com a burguesia nacional em uma perspectiva de desenvolvimento do país por evolução de etapas sustentada pelo Partido Comunista.

O desenvolvimento de uma tecnologia nacional contribuiria de modo significativo para a realização da tarefa histórica de superação do subdesenvolvimento. Não mais compreendido na chave do “atraso” mas como uma forma específica do padrão de acumulação do capitalismo na América Latina e que portanto não poderia mais ser superado com o alinhamento da esquerda com as “forças progressistas” nacionais, tampouco com o seu abandono, era necessário uma visão estratégica capaz de alinhar diferentes soluções produtivas para a arquitetura, que pudessem ser ativadas em função das oportunidades históricas de transformação social.

A arquitetura realizada através da parceria entre os arquitetos Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro não pode ser compreendida sem a posição crítica que assumiram frente ao nacional desenvolvimentismo representado por Brasília. Uma crítica que longe de esgotar-se em posições políticas abstratas, materializou-se na produção criativa da técnica, da forma e do espaço da moradia no Brasil, um modo de organizar, produzir e distribuir a habitação urbana para o Brasil industrial.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, O.; FAVARETTO, C.; SUZUKI JR., M. *Arte em Revista. Anos 60*. n 1 São Paulo: Ed. Kairós, mai-ago 1979.
- BRANDÃO, C. R. *Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
- BRITO, R. *Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985.
- FERRO, S. Residência em Cotia. *Acrópole* n. 319. São Paulo, jul., 1965, p: 38 – 39.
- FERRO, S. Residência no Butantã. *Acrópole*, n. 319, jul. 1965, p. 34.
- FRANK, A. G. *Capitalismo y Subdesarrollo en América Latina*. México: Siglo Ventiuno, 1973.
- Habitaç.... Habitações coletivas; projeto de Oscar Niemeyer. *Acrópole* n. 369/70. São Paulo: jan.- fev. 1970, p:29.
- HOLLANDA, H. B. *Cultura e Participação nos anos 60*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.
- IMPÉRIO, F. Residência na praia. *Acrópole* n. 319. São Paulo, jul., 1965, p: 36 – 37.
- KOURY, A. P. *Grupo Arquitetura Nova*. São Paulo: Romano Guerra/ Edusp, 2003.
- MARINI, R. M. Contradições e conflitos no Brasil Contemporâneo. *Teoria e Prática* n. 3, abr. 1968, p: 25 a 52.
- Residência Eternit. *Acrópole* n. 332. São Paulo: set, 1966 p: 22 - 23.
- SCHWARTZ, R. Nota sobre vanguarda e conformismo. *Teoria e Prática* n. 2, 1968.
- SIMON, I. M. Esteticismo e Participação. *Novos Estudos Cebrap*, n. 26, mar. 1990, p: 120 a 140.
- ZILIO, C.; LAFETÁ, J. L.; LEITE, L. C. M. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1983.